

Possíveis marcas da oralidade em manuscritos paranaenses

Ênio José Toniolo*

RESUMO: Procura-se comprovar a existência de marcas da oralidade em manuscritos provenientes de Castro (Paraná), produzidos nos séculos XVIII e XIX. Busca-se observar esses vestígios através de marcas ortográficas.

PALAVRAS-CHAVE: Filologia; manuscritos paranaenses; marcas da oralidade.

1. Observação introdutória

As oscilações gráficas constituem um importante indício para o conhecimento da oralidade, uma vez que a realização de uma mudança “dá origem necessariamente a fases de variação entre as formas lingüísticas mais conservadoras e mais inovadoras” (Maia, 2002, p. 233). No presente artigo, estudam-se algumas marcas de oralidade em manuscritos oriundos da Vila Nova de Castro (PR), conservados no Arquivo do Estado de São Paulo, de onde foram copiados para o banco de dados da Universidade Estadual de Londrina. São 60 documentos, com 94 fólios, em sua maioria cartas oficiais, abrangendo o período de 1776 a 1841, aqui citados pela numeração que receberam na minha tese, da qual o presente texto é parte de capítulo.

2. Troca de <V> por

Num pequeno número de palavras – não mais que oito – ocorre a troca do <v> pelo ; são elas: *brabo* (Doc. 16, fól. 1r, l. 06); *Catanduba*

* Universidade Estadual Paulista/Assis – eniotoniolo@onda.com.br.

(Doc. 17, fól. 1r l. 12); *embadindo* (Doc. 16, fól. 1r, l. 16); *Embetuba* [Imbituva] (Doc. 16, fól. 1r, l. 28); *fribulo* [frívolo] (Doc. 22, fól. 2r, l. 19); *Garapuaba* (Doc. 31, fól. 1r, l. 15); *Jaguaraiba* (Doc. 17, fól. 1r, l.13) e *breador* [vereador] (Doc. 41, fól. 1r, l. 10 e 24)

O fenômeno admite várias explicações. Por exemplo, afirma-se que “os documentos latinos estão de acordo com o testemunho das línguas românicas, indicando o uso de *v* por *b*, pelo menos desde o século II, e também de *b* por *v*, o que evidencia a igualdade de pronúncia das duas letras” (Maurer Jr., 1959, p. 33). Como prova, apresentam-se correções que o *Appendix Probi* fazia à fala do povo: *baculus non vaclus* (nº 9), *alveus non albeus* (nº 70), *vapulo non baplo* (nº 215).

É também defensável uma influência do setentrão lusitano, onde ocorre

a pronúncia como [b] ou [á] do *v* gráfico (emitido como labiodental na pronúncia padrão e na centro-meridional) na maior parte dos dialetos portugueses setentrionais e na totalidade dos dialetos galegos: *binho, abó* por *vinho, avó* [...]. (Cunha; Cintra, 1985, p. 11)

Apesar de pouco numerosas as ocorrências, quatro delas são topônimos: Catanduba, Embetuba, Guarapuaba e Jaguaraiba. Os estudiosos esclarecem que os quatro têm origem indígena.

Ora, o tupi não possuía o fonema /v/, pelo que se depreende do “alfabeto” e do “índice de palavras e afixos tupis” que Barbosa (1956) apresenta às p. 27 e 472. Isso é confirmado por Afonso A. de Freitas:

Quanto à consoante lusa – *v* –, gradativamente vai ela desbancando a influência da *nhengatu* – *b* -: hoje ninguém, falando o português de São Paulo, será capaz de pronunciar *Caçapaba, Boçoroca, Aricanduba, Ubaia*, como ainda há cinquenta anos passados era corrente, porém *Caçapana, Voçoroca, Aricandua, Uaia*, etc. (Freitas, 1976, p. 23)

Saint-Hilaire (1964, p. 17 e *passim*) emprega a forma *Jaguariaíba* pelo menos seis vezes e esclarece em nota (p. 42, n. 10): “Cito este rio sob o nome que lhe dão na região; mas Pedro Müller e o autor da carta de São Paulo publicada no Rio de Janeiro em 1847, escreveram *Jaguaraína*, sendo também menos certas as formas *Jaguarihyba* e *Jocuriaby*, admitidas por Casal.”

Na *Viagem ao país dos jesuítas* (Muricy, 1975), em que se relata uma expedição pelo interior do Paraná, em busca das ruínas da Villa Rica del Espíritu Santo, figuram numerosos diálogos, reproduzindo, com presumível fidelidade, a linguagem dos sertanejos paranaenses no ano de 1896, nos quais chama a atenção a troca de /v/ por /b/. O próprio autor afirma: “Na sua linguagem,

curiosa e pitoresca, além dos vícios comuns à parte ignorante da nossa população [...] o *o* é por vezes substituído pelo *e, i, u*: possuir (pessuí, pissuí), conversa (cumbersa), em que o *v* é também substituído pelo *b*.” (p. 55).

No livro, colhem-se muitos exemplos: *valia > balia*: “[...] decerto eles pensa que barba de caboclo não tem balía” (p. 60). *Balia* também nas p. 173, 179, 267 e 289. *Combersá* surge p. 94, 140 e 299. *Brificá* [verificar] encontra-se nas p. 104, 109 e 351. “Era cabocro balente e feis uma roçada, c’a foice, na bugrada, berbaridade” (p. 150). *Balente* é a forma que figura nas p. 184, 204, 206, 296, 307, 308, 309, 321, 328, 347, 353 e 370.

Pode ser, portanto, que essas formas do *corpus*, grafadas com , reflitam uma permuta de fonemas na oralidade paranaense – mais freqüente nos séculos XVIII-XIX do que hoje.

3. Uso do grafema <E> em lugar do grafema <A>

O *corpus* apresenta certa oscilação entre <a> e <e>, nas seguintes palavras:

Grafia atual	No <i>corpus</i>	Número de ocorrências
câmara ¹	camera	80
	camara	65
salário	selario	1
rascunho	rescunho	1
número	numaro	1
estabelecidos/das	estabalacidos	1
	estabalecidos	1
	estabelecidas	1

As grafias indicam a possível pronúncia da vogal átona como semifechada /á/ - [+ central -alta, - baixa], como na prosódia lusitana atual da pretônica de *lagar*.² Said Ali (1965, p. 34) afirma que “a distinção que em Portugal se faz entre *a* aberto e *a* fechado data de longo tempo”, e que isto

¹ Bluteau registra: *Camara ou Camera*.

² Cunha; Cintra, 1985, p. 37-38.

“conclui-se da circunstância de representar-se às vezes, em sílaba átona, *a* etimológico pela letra *e*, e outras vezes *e* etimológico pela letra *a*”.

4. Uso do grafema <E> em lugar do grafema <I>

Encontra-se igualmente uma notável flutuação³ entre os grafemas <e> e <i> em posição átona, fenômeno antigo na língua, e constante através das épocas (Nunes, 1956, p. 60). Muitas vezes, trata-se de dissimilações: *dilatado* → *delatado*; *dirigido* → *derigido*, etc. Em outros casos, futuras pesquisas poderão revelar se essa variação representa

– a presença do arquifonema /I/, com uma realização fonética oscilando entre [e] e [i], tão comum no Brasil⁴; ou

– “uma etapa intermediária à realização da vogal central [ə] que significou uma evolução no Português Europeu e foi considerado um fator de conservadorismo no Português do Brasil. Esse é justamente um dos pontos que mais distinguem o PB frente ao PE e essa mudança ocorreu justamente entre os séculos XVIII e XIX” (Silveira, 2004, p. 229-230).⁵

5. Uso do grafema <I> em lugar do grafema <E>

Quando ocorre <i> em lugar de <e> nas palavras com <i> na sílaba tônica, Maia (1986, p. 362) opina que “o uso deste grafema corresponde a uma alteração de tipo assimilatório”, presente no português antigo e PE popular, bem como no português brasileiro;⁶ o alçamento da vogal pretônica seria uma harmonização vocálica, quando a tônica fosse vogal alta. No *corpus*, a permuta de <e> por <i> ocorre mesmo quando não é <i> a vogal tônica.

³ “Na posição pretônica de palavras que continham *i* na sílaba tônica, o grafema *e* alterna com *i* [...]” (Maia, 1986, p. 362)

⁴ Saint-Hilaire (1964, p. 81, n. 15) observou que “existem na língua portuguesa certos sons mistos difíceis de apanhar, nunca se podendo estar de acordo sobre a sua ortografia. Assim, Neuwied entendeu chamarem *Ciri* a certo povoado da Província do Espírito Santo, ao passo que eu entendi *Ceri* [...]”.

⁵ “Em posição átona, mas particularmente na sílaba pretônica, o grafema *e* apresenta-se, nos textos estudados, bastante instável, podendo alternar com outras vogais ou ditongos, ou até, algumas vezes, desaparecer: [...]” (Maia, 1986, p. 355).

⁶ Exemplos colhidos nos anos 1970, em Tibagi, região vizinha de Castro: Isfregadera, istômugo, istrepe, istrivo, minino, miricano, mixirica, pissiguero, rilique [reliquial], siquiio [sequilho], vistégio. (Tonio, 1981, passim).

Conseqüência	consequencia [4]	(Doc. 28(a), fól. 1r, l. 02) ⁷ , (Doc. 50, fól. 1r, l. 07)
	comsiquencia [3]	(Doc. 5, fól. 1r, l. 02), (Doc. 31, fól. 1r, l. 12)...
Despesa	despeza [24]	(Doc. 10, fól. 1r, l. 23), (Doc. 28, fól. 1r, l. 13)...
	dispeza [2]	(Doc. 43, fól. 1r, l. 03), (Doc. 44, fól. 1r, l. 26)
Presidente	prezidente [29]	(Doc. 3, fól. 1r, l. 03), (Doc. 7, fól. 1r, l. 20-21)...
	prizidente [3]	(Doc. 44, fól. 1v, l. 11), (Doc. 51, fól. 4r, l. 22)...
Reais	reais [4]	(Doc. 38, fól. 1r, l. 08), (Doc. 45, fól. 1r, l. 03)...
	riais [1]	(Doc. 13, fól. 1r, l. 06)
Real	real [19]	(Doc. 12, fól. 1r, l. 03), (Doc. 16, fól. 1r, l. 31)...
	rial [6]	(Doc. 10, fól. 1r, l. 06 e 36), (Doc. 11, fól. 1r, l. 18)...
Vereador	vereador [7]	(Doc. 11, fól. 1r, l. 27 e 29), (Doc. 23, fól. 1r, l. 23 e 25)...
	veriator [7]	(Doc. 7, fól. 1r, l. 23, 24 e 25), (Doc. 11, fól. 1r, l. 28)...

Ocorrências sem flutuação gráfica:

bixigas (Doc. 1, fól. 2, l. 09), (Doc. 1, fól. 4r, l. 13)	instantania mente (Doc. 10, fól. 1r, l. 05)
dispendeu (Doc. 43, fól. 2r, l. 12)	liais (Doc. 16, fól. 1r, l. 30)
divida [devida] (Doc. 27, fól. 1r, l. 08)	sismarias (Doc. 28(a), fól. 1r, l. 06), (Doc. 46, fól. 1r, l. 05-06)
establicimentos (Doc. 10, fól. 1r, l. 28)	sugiridas (Doc. 41, fól. 1r, l. 28)
filis (Doc. 36, fól. 1r, l. 03)	veriança (Doc. 33, fól. 1r, l. 23)
imulimentos (Doc. 10, fól. 1r, l. 24)	

6. Uso do grafema <El> em lugar dos grafemas <E> e <I>

Algumas formas, pouco numerosas, com ditongo – quase sempre inicial – <ei> ou <ey> ocorreram no *corpus*. Trata-se de uma tendência que se manifestou no antigo galego-português (Maia, 1986, p. 357). No *corpus*, ocorreram: *eizensoens* (Doc. 4, fól. 1r, l. 17), *eizentos*, (Doc. 4, fól. 1r, l. 18), *eifeito* (Doc. 5, fól. 1r, l. 05-06), *elegeiraõ* (Doc. 7, fól. 1r, l. 10), *veixame* (Doc. 15, fól. 1r, l. 05), (Doc. 25, fól. 1r, l. 23-24),⁹ *Aleixandre* (Doc. 22, fól. 1r, l. 35), *eigualmente* (Doc. 35, fól. 1r, l. 16) e *eizãtas* (Doc. 41, fól. 1r, l. 17).

⁷ Uma ocorrência de *consequencia*: Doc. 28(a), fól. 1r, l. 02.

⁸ Uma ocorrência de *prizidente*: Doc. 51, fól. 3r, l. 22.

⁹ Mas *vexame* (Doc. 15, fól. 1r, l. 19), (Doc. 16, fól. 1r, l. 05), (Doc. 51, fól. 2r, l. 19), (Doc. 51, fól. 4r, l. 12), (Doc. 53, fól. 1v, l. 25).

Podem ser grafias resultantes de ultracorreção, atribuível à monotonação de /ey/. O fenômeno, que se produziu no sul de Portugal, conforme aponta Teyssier (1982, p. 64) é hoje muito freqüente no Brasil, especialmente antes de /r/, /+”/ e /’/ , como há muitos anos já assinalou Amaral (1955, p. 50).

Muitos falantes, na atualidade, raciocinam assim: “Se eu falo *quejo*, o certo é *queijo*; se eu digo *Texera*, a norma culta é *Teixeira*; então, o correto será *bandeija*, *carangueijo*...” Analogamente pode ter pensado o escriba, de onde as ultracorreções.

7. Uso do grafema <U> em lugar do grafema <O>

Em sílaba átona, o grafema <o> apresenta uma oscilação, alternando com <u> (Maia, 1986, p. 396). No *corpus*, em início de palavras, surge sempre o grafema <o>: *obediente*, *objecto*,¹⁰ *oblaçoins*, *obrar*, *obrigação*, *obrigado*, *observamos*, *observancia*, *obstaculos*, *ocazioens*, *ofrecer*, *opulencia*, *oponhaõ*, *opreçivo*, *opreçoins*...

As ocorrências de <u> nas demais sílabas átonas não foram muitas, mas indicam o alçamento [o] > [u], iniciado aparentemente no século XVII e completo por volta de 1800, conforme sugere Teyssier (1982, p. 61-62): *absolutos* (Doc. 4, fól. 1r, l. 14), em *puder* de (Doc. 15, fól. 1r, l. 11), *Sem Sepuder* levantar (Doc. 25, fól. 1r, l. 17), *imulimentos* (Doc. 10, fól. 1r, l. 24), *suberano* (Doc. 13, fól. 1r, l. 03), *culuna* (Doc. 20, fól. 1r, l. 04)¹¹, *sucego* (Doc. 22, fól. 1r, l. 20), *mauZuleu* (Doc. 35, fól. 1r, l. 19), *uberto* (Doc. 35, fól. 1r, l. 19), *rucio* (Doc. 43, fól. 2r, l. 08)¹², *CuMandante* (Doc. 48(a), fól. 1r, l. 03, 08 e 11).

8. Uso do grafema <O> em lugar do grafema <U>

Ocorre em três posições: pretônica, postônica e final. Reflete a existência do arquifonema /U/.

Em posição pretônica, com flutuação gráfica:

¹⁰ Indicaria, talvez, uma pronúncia aberta do o inicial, como ocorre atualmente no português lusitano, no caso de *o+b+consoante?* Cf. Cuesta; Luz, 1971, t. 1, p. 330.

¹¹ Mas *culuna* linhas abaixo: (Doc. 20, fól. 1r, l. 09)

¹² Mas *rucio* linhas abaixo: (Doc. 43, fól. 3r, l. 13) e noutro documento (Doc. 51, fól. 3r, l. 08)

Avultado	avoltado [1]	(Doc. 37, fól. 1r, l. 15)
	avultado [2]	(Doc. 51, fól. 2r, l. 23), (Doc. 53, fól. 1v, l. 29)
Curitiba	Coritiba [34]	(Doc. 1, fól. 1r, l. 19), (Doc. 1, fól. 1v, l. 11, 20 e 24), (Doc. 1, fól. 2r, l. 07, 13, 17, 22 e 27), (Doc. 1, fól. 2v, l. 02 e 11), (Doc. 1, fól. 3r, l. 01, 17, 21, 26 e 32), (Doc. 1, fól. 3v, l. 01, 08, 12, 18, 22 e 32), (Doc. 1, fól. 3v, l. 01, 08, 12, 18, 22 e 32), (Doc. 1, fól. 4r, l. 01, 07, 15, 24, 29 e 34)
luminárias	Curitiba [1]	(Doc. 1, fól. 1r, l. 02)
	lominarias [1]	(Doc. 14, fól. 1r, l. 08-09)
	luminarias [4]	(Doc. 5, fól. 1r, l. 12), (Doc. 32, fól. 1r, l. 11), (Doc. 38, fól. 1r, l. 16), (Doc. 49, fól. 1r, l. 12),
Circunstâncias	sirconstansias [2]	(Doc. 2, fól. 1r, l. 14), (Doc. 6, fól. 1r, l. 12-13)
	circunstancias [4]	(Doc. 22, fól. 1r, l. 26 e 44), (Doc. 44, fól. 1v, l. 03)...

Sem flutuação gráfica:

Cumprimento	comprimento [5]	(Doc. 6, fól. 1r, l. 02), (Doc. 8, fól. 1r, l. 08)...
Cumprido	comprido [1]	(Doc. 8, fól. 1r, l. 12)
	forioza [1]	(Doc. 19, fól. 1r, l. 08)
Opulenta	opolenta [1]	(Doc. 13, fól. 1r, l. 12)
Suficientes	soficientes [1]	(Doc. 60, fól. 1r, l. 08)

Posição postônica:

Frívolo	fribulo [1]	(Doc. 22, fól. 2r, l. 19)
---------	-------------	---------------------------

Posição final:

Ônus	onos [1]	(Doc. 10, fól. 1r, l. 18)
	onnos [1]	(Doc. 10, fól. 1r, l. 27)
Laudamus ¹³	laudamos [1]	(Doc. 14, fól. 1r, l. 11), (Doc. 33, fól. 1r, l. 16-17)

9. Síncope de vogais átonas

Teyssier (1982, p. 66) observou que “o português vem sendo trabalhado desde séculos pela tendência ao enfraquecimento das vogais átonas.” O *corpus* apresenta diversos casos de síncope de vogais pretônicas, especialmen-

¹³ Na frase latina: *Te Deum laudamus*.

te /e/, que podem ser atribuídas, certamente, a lapsos dos escribas, como sugere Maia (1986, p. 360): “É certo que ocorrem nos textos, desde o século XIII, algumas formas com síncope de *e* pretônico [...]. Mas são formas muito esporádicas que sempre nos podem deixar a dúvida de tratar-se de lapsos dos copistas”, sugerindo, contudo, traços de oralidade.

Foram anotados:

establecida (Doc. 10, fól. 1r, l. 15)	emfrioeres (Doc. 48(a), fól. 1r, l. 02)
establecimento (Doc. 10, fól. 1r, l. 26)	obdecendo (Doc. 60, fól. 1r, l. 02)
establicimento (Doc. 10, fól. 1r, l. 28)	ofrezer (Doc. 10, fól. 1r, l. 13)
establacimento (Doc. 11, fól. 1r, l. 08)	participar (Doc. 3, fól. 1r, l. 04)
establecer (Doc. 11, fól. 1r, l. 05)	sobrana (Doc. 10, fól. 1r, l. 36), (Doc. 11, fól. 1r, l. 19)
exprementamos (Doc. 31, fól. 1r, l. 31)	breador (Doc. 41, fól. 1r, l. 10 e 24)
exprimentaõ (Doc. 50, fól. 1v, l. 27)	verador (Doc. 50, fól. 2r, l. 17)
infrioeres (Doc. 59, fól. 1r, l. 04 e 09)	vranças (Doc. 43, fól. 2r, l. 16)

Inegavelmente, para ouvidos brasileiros, tais síncofes evocam influência lusitana. É lícito supor que os escribas fossem portugueses natos, ou que tivessem estudado em Portugal. Essas grafias podem indicar também uma redução da vogal átona, talvez encontrada no Brasil àquela época, e hoje predominante apenas no PE.

10. Monotongação de /EY/

Já foi observado que, no Brasil, é geral a monotongação de /ey/ > /e/ antes de /r/, /j/ e /z/ (Amaral, 1955, p. 50). No *corpus*, esse ditongo ocorreu 108 vezes nas condições em que costuma monotongar-se:

alqueire [2]	deixará [1]	inteiro [3]	Pereira [6]	terceira [1]
beijaõ [1]	dinheiro [2]	Loureiro [1]	porteiros [2]	terseiro [8]
beijar [1]	estrangeiro [1]	madeiras [1]	primeira [3]	tropeiros [7]
Carneiro [8]	Ferreira [13],	maneira [1]	primeiramente [1]	verdadeira [1]
deixa [1]	fevereiro [2]	Oliveira [9]	primeiro [7]	verdadeiramente [1]
deixando [3]	Freire [6]	padroeira [1]	queira [3]	Vieira [1]
deixar [1]	fronteira [3]	Peixoto [1]	Teixeira [5]	

Computando-se os casos em que ocorreu o fenômeno, verifica-se um total de 114 ocorrências de /ey/ nas condições em que costuma haver monotongação, e ela efetivou-se apenas seis vezes:

bejam (Doc. 11, fól. 1r, l. 24)
bejamos (Doc. 12, fól. 1r, l. 12), (Doc. 13, fól. 1r, l. 19)
bejaõ (Doc. 15, fól. 1r, l. 28), (Doc. 16, fól. 1v, l. 12)
bejo (Doc. 27, fól. 1r, l. 27)

Esses vestígios, contudo, embora escassos, “podem ser vistos como dados significativos se lembrado o fato de serem verdadeiras *baixas* no estado de vigília aplicado aos textos” cerimoniosos, certamente redigidos com o cuidado correspondente ao destino – a circulação oficial. (Barbosa, 1999, p. 170)

11. Epêntese¹⁴

Nos grupos consonantais eruditos <dm> e <dv> há três ocorrências de epêntese de <e>

ademetir (Doc. 37, fól. 1r, l. 11)
adevertem (Doc. 28, fól. 1r, l. 04)
adevogar (Doc. 41, fól. 1r, l. 10)

É marca típica da fonética brasileira (Silveira, 2004, p. 232), sendo de notar que a vogal epentética, em vastas regiões do país, é [i]; nos Campos Gerais, porém, na atualidade, costuma ser [e], coincidindo com os manuscritos.

12. Lusitanismos

Alguns traços lingüísticos, hoje típicos de Portugal, aparecem no *corpus*; denunciam, talvez, a presença de escribas lusitanos, ou de pessoas aqui residentes que se instruíram no reino.

Por exemplo, a expressão ao pé de, hoje só usada no Brasil em frases feitas como *ao pé da letra* e (*bofetão ao pé do ouvido*): “sendo esta villa cituada aopé do | Rio chamado ýapo [...]” (Doc. 25, fól. 1r, l. 12-13).

Encontra-se no *corpus* uma contração dos pronomes oblíquos átonos *me + a = ma*:

¹⁴ “Na fala coloquial, os encontros consonantais do tipo -pt-, -tm-, -pn-, -ps- são naturalmente desfeitos, por suarabácti, oferecendo, dessa forma, dificuldade na escrita, pela falta de correspondência entre ambos os sistemas oral e escrito: *capturado; ritmo, empenotizar*. (Aguilera, 1997, p. 138).

“areprehenssão de quem | mapode dar, epunir” (Doc. 27, fól. 1r, l. 08-09)

É uma construção com evidente sabor lusitano. Vejamos o que dizem dois gramáticos a respeito: “No Brasil, quase não se usam as combinações *mo, to, lo, no-lo, vo-lo*, etc. Da língua corrente estão de todo banidas e, mesmo na linguagem literária, só aparecem geralmente em escritores um tanto artificiais.” (Cunha; Cintra, 1985, p. 300).

O mesmo se pode afirmar dos numerais *dezaSeis* (Doc. 24, fól. 1r, l. 11) e *dezasete* (Doc. 33, fól. 1r, l. 06), em vez de *dezesseis* e *dezesete* (Cunha; Cintra, 1985, p. 363), ao que parece as únicas formas vigentes em nosso país.

13. Conclusão

No presente estudo, embora baseado em documentos em sua maioria oficiais, puderam ser abordados vestígios de oralidade, sempre presentes nos textos escritos, apesar de policiados pela norma culta e pela finalidade com que eram redigidos. Uma pesquisa mais aprofundada, num *corpus* mais extenso, poderá chegar a conclusões mais específicas.

Bibliografia

- AGUILERA, V. de A. (1997) Aspectos fonético-fonológicos e sistema ortográfico da língua portuguesa: interferências no binômio ensino-aprendizagem da escrita. In: AGUILERA, V. de A. (org.). *Diversidade fonética no Brasil*. Londrina: Editora UEL.
- AMARAL, A. (1955) *O dialeto caipira*. 2. ed. São Paulo: Anhembi.
- BARBOSA, A. G. (1999) *Para uma história do português colonial: aspectos lingüísticos em cartas de comércio*. Rio de Janeiro. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- BARBOSA, Pe. A. L. (1956). *Curso de tupi antigo*. Rio de Janeiro: Livraria São José.
- CUESTA, P. V.; LUZ, A. M. da (1971) *Gramática portuguesa*. 3. ed. Madrid: Gredos.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. (1985). *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- FREITAS, A. de E. (1976). *Vocabulário nheengatu* 2. ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional.
- MAIA, C. de A. (1986) *História do galego-português. Estudo lingüístico da Galiza e do noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI. (Com referência à situação do galego moderno)*. Coimbra: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- MAURER JÚNIOR, T. H. (1959) *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Acadêmica.
- SAINT-HILAIRE, A. de (1964) *Viagem à comarca de Curitiba (1820)*. São Paulo: Cia. Editora Nacional. [Brasíliana, v. 315].

NUNES, J. J. (1956) *Compêndio de gramática histórica portuguesa (Fonética e morfologia)*. Lisboa: Clássica.

MURICY, J. C. da S. (1975) *Viagem ao país dos jesuítas*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná.

SAID ALI, M. (1965) *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos.

SILVEIRA, C. D. L. de A. (2004). *Edição de textos relativos à defesa, segurança e fiscalização portuária da Baixada Santista no período final do século XVIII e início do século XIX*. São Paulo. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

TEYSSIER, P. (1982) *História da língua portuguesa*. Trad. Celso Cunha. Lisboa: Sá da Costa.

TONIOLO, Ê. J. (1981) *Vocabulário de Tibagi*. Apucarana: Faculdade de Ciências Econômicas.

ABSTRACT: The present paper aims to show the marks of orality in manuscripts produced in the village of Castro (State of Paraná), in the XVIIIth. and XIXth. centuries. Orality appears through orthographic aspects.

KEYWORDS: Philology; manuscripts from Paraná; marks of orality.